A contista quebequense Anne Hébert

Vivian A. Morelo

Alena Ciulla

A autora do Québec Anne Hébert já foi devidamente apresentada na seção sobre poesia, cabendo-nos tão somente justificar a escolha do conto de sua autoria "A mansão da esplanada", publicado no livro *Le torrent*, inédito em língua portuguesa.

Contrariamente ao poema "Amor" que se constitui em uma das criações mais recentes da autora, esta antologia de contos não se inclui entre suas últimas publicações, mas os contos que a compõem são considerados não apenas os melhores da autora como os de toda a literatura do Québec. Estes contos funcionaram como um verdadeiro laboratório onde temas, símbolos e mitos que povoariam a obra da romancista Anne Hébert encontram sua gênese.

A introdução da obra de Anne Hébert no programa do Mestrado em Estudos francófonos do CPG-Letras motivou a tradução deste conto com o intuito de partilhar o prazer deste texto com um público mais amplo que encontraria dificuldades em encontrar os textos de autores quebequenses em livrarias brasileiras.

A MANSÃO DA ESPLANADA¹

Stéphanie de Bichette era uma curiosa criaturinha, de membros delgados e mal acabados. A pala engomada parecia impedir que a cabeça, pesada demais para o pescoço longo e magro, caísse sobre os ombros. Se a cabeça de Stéphanie de Bichette era tão pesada, é porque toda a nobreza e o fausto de seus ancestrais se haviam refugiado no seu penteado. Um penteado alto, de cachos afogados que se superpunham sobre seu crânio estreito com a graça simétrica de uma arquitetura de cabelos prateados.

A senhorita de Bichette passara, sem transição, sem adolescência e sem juventude, de suas roupas de criança a este eterno vestido cinza, com gola e punhos debruados de lilás.

Ela possuía também duas sombrinhas com cabo de marfim trabalhado; uma sombrinha lilás e outra cinzenta. Para os seus passeios de caleça ela alternava, de acordo com o céu, a sombrinha lilás com a sombrinha cinzenta. E toda a

Vivian A. Morelo e Alena Ciulla são ex-alunas do estágio supervisionado de tradução do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ HEBERT, Anne. La maison de l'esplanade. In: ____ *Le Torrent*. Montreal, HMH, 1976.

Tradução: Vivian A. Morelo e Alena Ciulla.

Supervisão: Zilá Bernd.

cidadezinha sabia como estava o tempo, graças à cor da sombrinha da senhorita de Bichette. A sombrinha lilás indicava os dias resplandescentes, e a sombrinha cinzenta os céus um pouco nublados. No inverno e quando chovia, Stéphanie jamais saía.

Se lhes falei das sombrinhas da senhorita de Bichette e da influência que elas representavam para anunciar as variações da temperatura, é porque quero insistir no fato de que estas duas sombrinhas eram apenas os sinais exteriores de uma vida bem organizada.

Oh! na verdade, a vida da senhorita de Bichette mostrava-se um edifício perfeito de regularidade. Uma imutável rotina sustentava e mantinha a inocente velhota. A menor fissura nesta extraordinária construção, a menor mudança nesta disciplina estabelecida seriam suficientes para deixar a senhorita de Bichette doente.

Felizmente a solteirona nunca tinha mudado de criada! (coisa que acontecia naquela época...)

Géraldine, assim chamava-se a criada, cuidava e servia sua patroa sempre testemunhando um respeito admirável pela tradição.

Toda a vida da senhorita de Bichette era uma tradição ou melhor, uma continuidade de tradições. Havia, além da tradição das sombrinhas e a do famoso penteado, a tradição do levantar, do deitar, das rendas, das refeições, etc...

Stéphanie-Hortense-Sophie de Bichette morava numa mansão de pedra talhada que datava do regime francês, situada em frente à Esplanada. Vocês sabem, uma destas casas altas, estreitas, com um telhado pontiagudo, guarnecido de várias fileiras de lucarnas, sendo as últimas aproximadamente do tamanho de ninhos de andorinhas. Isto implica também a existência de dois ou três sótãos em seu interior, coisa que uma solteirona não pode desprezar. Mas, a senhorita de Bichette, acreditem-me ou não, não subia jamais aos sótãos para se enternecer com as lembranças, acariciar as velharias queridas, organizar insensatas e minuscilas faxinas, e respirar este cheiro de papel amarelado e de mofo que todos os sótãos exalam, mesmo os mais bem conservados!

Ela ocupava o corpo da casa, isto é, aproximadamente um aposento por andar. No quarto andar, o quarto de Géraldine continuava sendo o único aberto, ao lado dos antigos apartamentos das domésticas. Isto fazia parte da tradição de condenar as peças à medida que elas não serviam mais. Tinham-se, assim, condenado sucessivamente o quarto dos irmãozinhos, mortos de escarlatina, quando Stéphanie tinha apenas dez anos; o da mãe, falecida pouco depois de seus filhos; o de Irinée, o irmão mais velho, morto num acidente de caça; o de Desneiges, que entrou para a ordem das Ursulinas; bem como o quarto do pai, morto após uma longa doença; sem esquecer o quarto de Charles, fechado desde o seu casamento.

Cumpria-se sempre o mesmo ritual: o ocupante do quarto partia para o cemitério, para o convento ou para a aventura matrimonial. Géraldine arrumava a peça, tendo o cuidado de deixar tudo no mesmo lugar. Baixava as persianas, colocava panos sobre as poltronas e fechava o quarto a chave. Estava acabado.

Ninguém colocava mais os pés ali. Um outro membro da família encontrava-se definitivamente arquivado.

Géraldine sentia prazer com esta solene e meticulosa desafeição, assim como um coveiro pode sentir prazer ao arrumar os túmulos ou, ao passar o ancinho sobre as sepulturas.

Às vezes, Géraldine pensava que um dia ela também precisaria fechar a porta do quarto da senhorita Stéphanie, e ficaria sendo, por algum tempo, a única vivente entre os mortos. Ela previa este momento, sem horror, com um certo deleite, como um descanso, uma recompensa. Após tantas faxinas laboriosas neste casarão, enfim, todos os quartos seriam fixados numa ordem eterna. A poeira e o mofo poderiam cobrir os móveis. Géraldine não teria mais nada para limpar lá dentro. O quarto dos mortos não se arruma.

Este não era cálculo de preguiçosa. Géraldine sonhava com a última porta fechada e com a última chave passada para o molho, como o lavrador sonha com o último feixe, e a bordadeira com o ponto final de sua tapeçaria. Isto significava para Géraldine o coroamento supremo da obra plenamente cumprida, e a realização de seu destino de criada.

Era curioso notar que a velha criada incluía entre os defuntos, dois vivos: a senhorita Desneiges, a religiosa, e o senhor Charles, esposo e pai de família. Como os dois tinham deixado o lar paterno, isto bastava para que Géraldine os considerasse inexistentes. Eles não tinham mais nada em comum com a vida desta casa. A pesada porta do claustro estava fechada para sempre para a senhorita Desneiges. Quanto ao senhor Charles, seu casamento com uma costureirinha da Basse-Ville descontentou tanto o seu pai, a ponto dele decidir legar a velha morada para Stéphanie.

Charles vinha todas as tardes à casa da irmã. Géraldine nunca lhe dirigia a palavra. Para ela, Stéphanie era toda a família de Bichette.

No terceiro andar as portas permaneciam fechadas, exceto a do quarto da senhorita de Bichette. No segundo, apenas o estar íntimo vivia sua vida apagado e fora do tempo. No primeiro, estendia-se um salão enorme e abarrotado de móveis díspares, cobertos de bibelôs de formas inquietantes e múltiplas. Todo o térreo conservava abertas suas portas de carvalho esculpido: vestibulo, salão, sala de jantar. No sub-solo ficava a antiga cozinha, úmida e desconfortável.

Géraldine também era cozinheira embora não possuísse o título.

Se sua patroa cultuava a tradição, ela, Géraldine, cultuava botões de cores brilhantes. Sua saia preta e seu avental branco eram sempre regulamentares, mas, nas blusas ela manifestava mais fantasia. Botões vermelhos enfeitavam as blusas azuis, amarelos, as blusas verdes, etc... e assim infinitamente, sem esquecer os botões dourados, vitrificados e prateados. Géraldine descobrira no sótão caixas de roupas velhas, das quais, sem nenhum pudor tirava todos os botões.

Afora esta inocente mania, a robusta jovem de tez rosada, toda a noite antes de se deitar não deixava de dar uma chegada na adega, conscienciosa e devotadamente.

Mas, era na observância das tradições de sua patroa que Géraldine se mostrava admirável.

Todas as manhãs, às sete horas, no verão, e às oito, no inverno, ela subia as três escadas e vinha bater à porta da senhorita de Bichette. Duas batidas decididas, nem mais, nem menos. Este era o sinal: e o cerimonial começava a se desenrolar imediatamente.

Géraldine abria o dossel, as cortinas da janela e, enfim, as persianas. A solteirona gostava de dormir na mais completa escuridão e exigia vários forros de piano e repósteiros envernizados entre ela e os malefícios da noite. Ela temia também os primeiros raios do sol, com os quais não sabia o que fazer, já que eles a acordavam antes da hora de levantar.

Em seguida Géraldine voltava para buscar no corredor o carrinho, abastecido anteriormente com tudo o que poderia ser necessário à Stéphanie nas primeiras horas do dia. Duas pílulas brancas dentro de um copo d'água, café com torradas, uma escova de dentes e creme dental, uma bacia de cobre, e roupa branca engomada. Além disso um espanador, uma vassoura, um cesto de lixo, enfim, tudo o que é necessário para fazer a limpeza.

O carrinho era tão grande quanto uma cama de solteiro, com quatro pés de comprimento, possuindo três andares. Géraldine construía-o ela mesma com caixas velhas. Assim que Stéphanie terminava o café da manhã, a serviçal banhava, vestia, maquiava e penteava sua patroa, que se deixava arrumar, muda, inerte e confiante.

Depois disso, havia às vezes um minuto de hesitação dolorosa, uma contração angustiada no cérebro da senhorita de Bichette quando Géraldine se debruçava na janela, examinava o céu franzindo as sobancelhas e dizia:

— Não sei bem que tempo vai fazer!

A solteirona olhava sua criada com um ar tão desamparado, tão perdido que esta se esforçava para afirmar:

— Vai chover, a senhorita não poderá sair pela manhã, vou avisar o cocheiro...

Stéphanie acalmava-se mas na verdade não voltava ao seu estado normal, a não ser depois que Géraldine instalava-a no salão azul, na cadeira de encosto de madeira esculpida, perto da janela, com sua renda iniciada sobre os joelhos e o crochê entre os dedos. Então, apenas esta idéia passava em sua cabeça:

"O tempo não está bom... não posso sair... me resta apenas manusear este crochê e este fio como minha mãe me ensinou quando eu tinha sete anos... Se o tempo estivesse bom, isto não aconteceria, eu sairia de caleça. Há no mundo somente duas realidades... duas realidades nas quais se pode apoiar... e mergulhar em seu interior de olhos fechados: a realidade do passeio de caleça e a da renda de crochê... Que angústia quando Géraldine ainda não sabe que tempo vai fazer e que é preciso ficar na incerteza, sem nada de sólido sob os pés... Isto me desconcerta! É melhor não pensar mais e se deixar levar por estas duas certas e únicas realidades: a do passeio e a da renda!..."

Mesmo que a temperatura melhorasse, Géraldine não dizia nada à sua patroa. O Choque seria violento demais para Stéphanie. Imaginem a perturbação provocada na existência de uma pessoa bem instalada na realidade da renda de crochê, e que acredita-se ao abrigo das surpresas, quando alguém ousa anunciar-lhe que ela está no caminho errado? Seria de não mais se acreditar em nenhuma realidade!

A senhorita de Bichette confeccionava desde a infância vários tipos de guardanapos que Géraldine destinava aos mais variados usos. Stéphanie conhecia todos os segredos deste trabalho e este conhecimento lhe bastava. Os guardanapos lhe saíam das mãos em ritmo igual de quatro por semana. Estes pequenos pedaços de renda branca se pareciam como se fossem irmãos. Estavam por toda a casa: cinco ou seis sobre o piano, aproximadamente oito sobre cada uma das mesas, uma dezena em cima de cada poltrona, um ou dois nas cadeiras; e nenhum dos numerosos bibelôs dos quartos ficava sem este suporte rendilhado. Em consequência, os móveis pareciam salpicados de cristais de neve, aumentados no microscópio.

No inverno e no verão, desde que Géraldine havia resolvido que a temperatura não era "saível", a senhorita de Bichette fazia seu crochê toda manhã em seu estar íntimo azul, ereta, quase irreal de tão imóvel, com os pés pousados sobre um tamborete forrado com uma espécie de pelego que estranhamente assemelhava-se ao trabalho que a solteirona tinha em suas mãos.

Às cinco para o meio-dia, Géraldine anunciava:

— A senhorita Stéphanie está servida!

E a senhorita levantava-se imediatamente: a frase ritual desencadeava nela um estímulo preciso e bem condicionado por um longo hábito, o que lhe permitia, sem esforço do pensamento, quase sem compreender, pôr-se a descer lenta e cerimoniosamente as escadas e depois sentar-se à mesa.

Se Stéphanie saísse, voltava às quinze para o meio-dia, sem falta. Pois dessa forma ela tinha bastante tempo para receber o anúncio do almoço com as necessárias condições de calma.

As saídas da senhorita de Bichette tinham o mesmo inacreditável caráter metódico. Ela avançava sobre a calçada com pequenos passos: toda a sua frágil pessoa vergando sob o peso dos cabelos arranjados em múltiplos anezinhos. Géraldine ajudava sua patroa a subir na caleça. O cocheiro fustigava seu cavalo e a caleça partia para uma calma e lenta viagem, invariavelmente igual, através das ruas da cidadezinha.

O cavalo conhecia o caminho de cor e o cocheiro aproveitava para cochilar um pouco, com o boné enterrado na cabeça, sobre os olhos, as pernas estendidas e as mãos cruzadas sobre o ventre. Ele acordava-se sempre a tempo, como que por mágica, quando o passeio terminava. Então exclamava, espreguiçando-se, com um ar surpreso e feliz:

— E então, senhorita, eis-nos de volta novamente!

Tudo como se, adormecendo no início do passeio, o homenzinho não tivesse certeza de estar de novo acordado, ou de que estivesse em um país vivo!

A senhorita de Bichette, apoiada em Géraldine, desaparecia para dentro de casa. O cocheiro desatrelava o cavalo e guardava a caleça. E isso era fato. Os vizinhos viam com desgosto desarrumar-se a estranha parelha que se destacava na luz da manhã, com toda a sua aparência fantasmagórica! Um velho matungo, andando, arrastando em sua caleça obsoleta um cocheiro adormecido e uma espécie de pequenina múmia de vestido cinza e lilás...

Após o almoço, Géraldine conduzia sua patroa até o grande salão no primeiro andar. Manuseando sem cessar o seu croché, Stéphanie recebia algumas visitas e Géraldine oferecia licor de dente-de-leão e biscoitos.

A solteirona não deixava sua cadeira, esforçando-se em manter a cabeça alta, apesar de ter a nuca inclinada pelo peso do monumental penteado. Às vezes, este esforço constante e doloroso traduzia-se por algumas caretas mal contidas que eram as únicas marcas de expressão que as visitas podiam distinguir em seu rostinho maquiado.

Stéphanie perguntava a seus convidados: "Como vai a senhora sua mãe?" com uma voz tão terna e fraca que parecia ter saído de um dos vários quartos abandonados, os quais algumas pessoas na cidade acreditavam serem freqüentados por seus antigos donos.

Esta frase de Stéphanie servia de boas-vindas, de cumprimento, de despedida e de assunto; na verdade ela servia para tudo, pois o licor era amargo e os biscoitos duros como o ferro, uma vez que haviam sido preparados há anos! Acredito até que tal fato datava da época em que o pai de Stéphanie ainda vivia.

As visitas da senhorita de Bichette eram tão idosas e tão trêmulas que qualquer pessoa teria tido o tato de não fazer esta absurda pergunta sobre a saúde da mãe delas; mas a senhorita de Bichette não conhecia outra fórmula de polidez, além do que, ela não dava nenhum sentido às palavras que pronunciava.

Se Stéphanie terminasse um guardanapo diante de seus convidados, deixava-o cair no chão como uma pedra que cai verticalmente e recomeçava, sem perturbar-se, um novo e idêntico guardanapo.

Estas senhoras nunca ficavam muito tempo e Stéphanie permanecia tão indiferente às suas partidas, quanto às suas chegadas.

Às seis e quinze, Géraldine vinha dizer que o senhor Charles havia chegado. A programação do dia funcionava como um bom relógio suíço e as engrenagens interiores da senhorita de Bichette correspondiam exatamente a esta programação, avisando às pernas da estranha criaturinha para que a levassem imediatamente ao andar térreo.

Seu irmão a beijava na testa. Ele sorria esfregando suas mãos de dedos roliços:

— Hum, está agradável dentro de casa!

Depois suspendia o paletó em um cabide no vestibulo. Géraldine seguia todos os movimentos de Charles com um olhar altivo e triunfante. Com os braços cruzados sobre o peito forte, quem sabe ela acreditasse ter o ar vingador e impressionante da estátua do comandante? Ela olhava com desprezo o paletó apertado e gasto e parecia dizer: "Ah! Isso deveria acontecer! O senhor Charles

quis casar-se com uma moça da Basse-Ville... O senhor seu pai o deserdou e eu fechei seu quarto como se fecham o dos mortos. Se a senhorita Stéphanie deseja recebê-lo todas as noites, o problema é dela, mas eu desejo fazer-lhe sentir que sua humilhação causa-me prazer, a mim, a criada. Eu sei que ele é pobre e que essa é a sua punição por ter desobedecido o senhor de Bichette. Ele vem aqui porque não tem o que comer em sua casa. Devora nossas provisões e guarda em seu mesquinho corpo de pedinte uma parte do calor da mansão... Vá embora, mendigo!"

Charles alimentava-se com apenas uma boa refeição por dia e, surpreendentemente, não era magro. Era até muito gordo; muito gordo e muito amarelo. Sua cabeça calva não se destacava da face reluzente, de lábios sem cor e olhos esmaecidos. Géraldine dizia que ele tinha olhos de peixe e que sua roupa interior cheirava a gordura queimada. Além disso, a criada não perdoava a um de Bichette o fato de ter perdido as boas maneiras à mesa:

— Como pôde esta criatura desaprender as boas maneiras da alta sociedade, é inacreditável, resmungava ela.

À medida que a hora da refeição se aproximava, a alegria de Charles tornava-se mais ruidosa. Ele não parava de esfregar as mãos, sentava, levantava, ia da janela até a porta, da porta até a janela, sob o olhar indiferente de Stéphanie.

Depois o irmão e a irmã instalavam-se cada um em uma ponta da longa mesa da sala de jantar.

A peça não possuía iluminação a gás e parecia ainda maior e mais profunda, iluminada somente por duas velas em candelabros de prata postos sobre a mesa.

Os cantos da sala encontravam-se completamente perdidos na obscuridade e as sombras dos dois convivas dançavam como chamas negras sobre as paredes revestidas de carvalho curiosamente trabalhado.

Dir-se-ia que a atmosfera destas noites impressionava Charles cada vez mais. Talvez ele sentisse presenças encolhidas na sombra, espectadoras invisíveis desta singular refeição e temia descobrir, a qualquer momento, os espectros que frequentavam os quartos de cima e vê-los tomar os lugares vagos nesta grande mesa presidida por uma velhinha esguia como uma gata, branca como um lençol e que parecia já pertencer ao mundo ameaçador dos seres sobrenaturais.

A partir do momento em que o irmão de Stéphanie engolia alguns goles de sopa, seu bom humor caía, sem vida, aniquilado pelo coração. Entrando na mansão, o odor do jantar que cozinhas exaltava Charles, entusiasmava-o como uma maravilhosa promessa; e, agora que a promessa havia sido cumprida, o homem tornava-se melancólico.

Através de seus pensamentos amargos, ele olhava os guardanapos de renda, as pratarias pesadas, a louça fina e esta irmã que comia e que continuava a viver, apesar de sua aparência de extra-terrestre. Que fio misterioso era este que retinha Stéphanie sobre a terra? Ao vê-la, acreditar-se-ia que um sopro teria sido suficiente para derrubá-la e, no entanto, ela continuava durando.

Géraldine andava em volta da mesa e seu olhar parecia penetrar os pensamentos de Charles. Este experimentava um grande mal-estar de sentir-se assim observado e adivinhado e dizia que Stéphanie somente iria encontrar-se com seus ancestrais se esta maldita criada não se esforçasse, por algum processo diabólico, em reanimar a morta e retê-la na mansão paterna de propósito, para saborear durante o maior tempo possível a decadência dele. Em qual "no man's land" será que a velha bruxa fizera o pacto com o senhor de Bichette e o próprio Satã? Géraldine herdara a cólera, como a uma promessa sagrada, ela lembrava incessantemente a Charles a maldição que pesava sobre ele.

Neste ponto de suas reflexões, o homem levantou a cabeça, importunado pelo persistente olhar que sentia pesar sobre si. A criada não estava mais lá, mas Charles escutou o tilintar do molho de chaves na passagem entre a sala e a escada da cozinha. Charles arrepiou-se; ele bem sabia quais eram as chaves que Géraldine trazia em sua cintura. Nenhum armário e nenhum quarto "habitado" possuíam chave... Isto atingiu-lhe estranhamente o coração, o fato de pensar que a chave do seu próprio quarto estava junto com as dos mortos e ele teve medo. Depois refez-se e resmungou:

— Maldita casa! É de se ficar louco, permanecer aqui com estas duas velhas decrépitas!... Acho que o vinho me deixa tonto!

Stéphanie acabava de levantar-se da mesa e Charles a seguiu.

A noite começou como todas as outras. Stéphanie retomou seu croché e seu irmão caminhou pelo salão de um lado para outro com as mãos nas costas.

Assim, todas as noites, em completo silêncio, sem uma única palavra trocada entre o irmão e a irmã, o tempo escoava até que o velho relógio soasse dez horas. Então Charles, tendo feito sua provisão de calor para a noite, beijava a irmã na testa, enfiava o paletó e, com as duas mãos nos bolsos gastos, retomava o caminho da rua dos Irlandais.

Ele caminhava lentamente, como um vagabundo acostumado há bastante tempo a arrastar-se pelas ruas.

O homem comprimia sua sombra ao longo dos muros. Os mesmos pensamentos cotidianos rodavam em círculo em seu cérebro. Ele estava habituado a eles como se fossem animais domésticos. Eles não o surpreendiam mais, nem o distraíam. Ele apenas os conhecia demais, não os encarava mais de frente; a presença deles passava no fundo de suas pupilas sem brilho, sem alterar-lhes a fixa passividade.

Aproximando-se mais de casa, Charles pensava em sua mulher. Ele caminhava em sua direção sem pressa, mas com um certo sentimento de segurança, como que em direção a um bem solidamente adquirido.

Percebeu, subitamente, que havia chegado. Duas casas baixas, idênticas irmãs em tristeza e decrepitude, avançavam sobre a calçada suas estreitas varandas acinzentadas.

Ele ocupava duas peças no segundo andar de uma das casas. Subiu, acendeu uma vela, atravessou a cozinha e entrou no quarto. Uma voz rouca e

velada, que o homem bem conhecia e que continuava a exercer um charme singular sobre ele, pronunciou em um tom muito cansado:

— É você, Charles?

Ele colocou a vela na mesa de cabeceira. A mulher tapou os olhos com a mão. Ele sentou-se na beirada da cama.

— Como vai sua irmã?

— Sempre na mesma...

Estes dois pedaços de frase como a cada noite, caíam pesadamente. Por trás das banais palavras proferidas, agitava-se na sombra o diálogo real e silencioso do casal: "Você acha que sua irmã ainda dura muito tempo?" — "Pois é, ela está sempre firme..."

Neste momento, na mansão da Esplanada, Stéphanie de Bichette cruzava suas minúsculas mãos frias e abandonava ao grande vazio da noite seu pequeno nada, ridículo como uma moda ultrapassada e seco como uma passa de uva.

E Géraldine, em vigília, sonhava que a morte havia fechado todas as portas da velha mansão.